

# APOSENTADORIA E FAMÍLIA: AS REPERCUSSÕES DA INTERGERACIONALIDADE NAS EXPERIÊNCIAS DE CASAIS APOSENTADOS

RETIREMENT AND FAMILY: REPERCUSSIONS OF INTERGENERATIONALITY IN THE EXPERIENCE OF RETIRED COUPLES

**RESUMO:** A aposentadoria é considerada um evento que acarreta intensa transformação no funcionamento familiar. Nesse contexto, o objetivo desta investigação foi compreender as repercussões da intergeracionalidade nas experiências de casais aposentados. O estudo foi de natureza qualitativa, sendo realizadas entrevistas semiestruturadas e aplicado o Genograma Familiar em 06 casais que encontravam-se aposentados há, pelo menos, um ano. Os dados foram organizados e analisados por meio da Grounded Theory. Os resultados evidenciaram que a intergeracionalidade influenciou nos padrões relacionais dos participantes neste período da vida, por meio de ações ou reações aos modelos visualizados nas gerações passadas. Destaca-se a importância de considerar a intergeracionalidade como recurso problematizador do processo de aposentadoria, para o melhor acolhimento das mudanças familiares.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aposentadoria. Família. Casal. Intergeracionalidade.

**ABSTRACT:** Retirement is an event considered to cause intense transformation in the functioning of a family. In this context, the objective of this research was understanding the repercussions of intergenerationality in the experience of retired couples. The study was qualitative, semi-structured interviews and family genograms were applied to 6 couples retired for 1 year or more. Data was organized and analyzed through the Grounded Theory. Results show that intergenerationality influences relational patterns of the participants in this period of life through actions or reactions to the models viewed in previous generations. Highlights the importance of considering the intergenerational as problematical feature of the retirement process, to better accommodate the family changes.

**KEYWORDS:** Retirement. Family. Couples. Intergenerationality.

## MARCOS HENRIQUE ANTUNES

*Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil.*

## DULCE HELENA PENNA SOARES

*Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade Louis Pasteur de Strasbourg. Professora e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil.*

## CARMEN LEONTINA OJEDA OCAMPO MORÉ

*Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil.*

## INTRODUÇÃO

A aposentadoria, enquanto processo de desligamento laboral, é entendida como um fenômeno complexo e multifacetado, que têm recebido maior ênfase na produção científica nos últimos anos, especialmente, em razão das significativas mudanças demográficas que estão ocorrendo tanto na população mundial, como na dinâmica das relações familiares. Por meio dos dados apresentados pelo IBGE (2011) em relação ao último censo demográfico brasileiro, é possível verificar a diminuição constante do grupo jovem e o aumento nos níveis de qualidade de vida e de longevidade, crescimento da população idosa e, conseqüentemente, do número de aposentados. Esse cenário desafia o campo da produção científica a refletir acerca das políticas públicas voltadas ao aposentado e à pessoa idosa, bem como sobre o impacto provocado na vida pessoal e profissional dos aposentados, na sociedade, e, em especial, no contexto familiar.

Recebido em: 05/06/2014  
Aprovado em: 20/09/2014

Na contemporaneidade, torna-se difícil atribuir um conceito único para a aposentadoria, tendo em vista as diversas condições e perspectivas que estão imbricadas no processo de desligamento laboral. Nesse sentido, o conceito de aposentadoria precisa ser considerado no contexto de sua polissemia, uma vez que pode se referir à uma multiplicidade de situações, dentre as quais, cita-se: o rompimento total ou parcial do vínculo empregatício, a opção por uma segunda carreira profissional, a opção por benefícios de previdência privada ou social, a obrigatoriedade de se aposentar por questões de idade ou condições de saúde (Denton & Spencer, 2009; França, 1999; Schein, 1993; Zanelli, Silva, & Soares, 2010).

Os estudos desenvolvidos sobre esta temática têm demonstrado que há uma diversidade de fatores que implicam, também, sobre a decisão e efetivação da aposentadoria e, conseqüentemente, na adaptação à este período da vida (Antunes, Soares, & Silva, 2013). Entre as principais repercussões que influem nesse processo, está a perda de benefícios, compensações e *status* oferecidos pelo cargo ocupado, os quais envolvem planos de saúde, adicionais de lucro, viagens, agenda cheia, poder de decisão, senso de pertencimento, dentre outros (França, 2002, 2009; França & Soares, 2009).

Para além de um entendimento das questões individuais que encontram-se imbricadas nesse processo, cabe analisar que a família se constitui um elemento importante para a apreensão desse fenômeno e suas decorrências, tendo presente que o contexto familiar é um dos principais espaços que serão habitados pelo indivíduo aposentado e, com frequência, motivo de apreensão acerca dos desdobramentos nos padrões relacio-

nais após a efetivação da aposentadoria. Nesses termos, destaca-se o papel que a família possui em relação ao aposentado, acerca do acolhimento deste em seu lar e a retomada de vínculos e projetos que, em função do tempo de trabalho, possam ter sido adiados ou abandonados (Antunes, 2014; Zanelli *et al.*, 2010). Igualmente, é necessário considerar as repercussões que a aposentadoria de um de seus integrantes ocasiona na família, de modo que ocorrem intensas modificações em sua estrutura e funcionamento, assim como nas relações estabelecidas quer seja pelo casal, quer seja pelos pais com seus filhos ou vice-versa (Cervený & Berthoud, 2002; Couto, Prati, Falcão, & Koller, 2008; Friedman, 1995).

O aporte dos estudos de família na perspectiva do pensamento sistêmico, principalmente, os relacionados ao ciclo vital familiar, permite aprofundar o conhecimento em torno da dinâmica relacional familiar e da transmissão intergeracional nas vivências que compõem o processo de aposentadoria. Nessa abordagem, a família é entendida como um sistema ativo, um conjunto ou um todo integrado, com regras e funções dinâmicas, no qual as partes estão em constante relação e se transformam com o decorrer do tempo. O comportamento dos membros do sistema familiar é interdependente, de modo que a apreensão de um fenômeno não pode ocorrer unicamente pelo entendimento de questões individuais de seus membros, e sim pensada em um contexto, no qual há uma rede de relações que se afetam mutuamente (Andolfi, 1980; Minuchin, Colapinto & Minuchin, 2011).

A família enquanto um sistema de relações se caracteriza como sendo o ambiente mais favorável para fornecer o amparo necessário ao desenvolvi-

mento do ser humano, sendo que as experiências vivenciadas nesse contexto são significativas ao processo evolutivo do indivíduo. É na família onde se estabelecem as crenças, os valores e os demais aprendizados importantes e definidores dos padrões com os quais o indivíduo estrutura sua vida e seu comportamento (Cervený, 2001; Minuchin *et al.*, 2011; Wagner, 2002). Essa aceção permite compreender a família como a bússola pela qual o indivíduo se direciona e guia ao longo dos diferentes processos que transcorrem à vida.

Os modelos utilizados pelos membros da família para interagirem são resultados da transmissão de legados que ultrapassam gerações e trazem consigo uma perspectiva imbuída da história e da cultura característica àquele sistema. Na medida em que a família é a matriz da identidade do indivíduo, as experiências familiares desde a infância são armazenadas por este e as relações significativas construídas no ambiente familiar são de grande impacto sobre o indivíduo e estabelecem modelos que o conectam aos parâmetros de comportamentos de gerações passadas (Falcke & Wagner, 2005; Groisman, Lobo & Cavour, 2003).

Assim, o processo de transmissão intergeracional, conforme postulam Boszormenyi-Nagy e Spark (2003), ocorre por meio do diálogo e do intercâmbio relacional entre diferentes gerações de uma família. A constituição histórica de cada família institui lealdades e obrigações a serem seguidas, de acordo com a disposição emocional de cada um de seus membros. Nesses termos, é possível compreender que o indivíduo é um ser relacional, essencialmente ativo e reativo ao contexto no qual encontra-se inserido (Minuchin, 1982).

A pesquisa desenvolvida por Azevedo e Carvalho (2006) demonstrou que devido a função e a importância da família no processo evolutivo do ser humano, os vínculos estabelecidos nessa esfera concentram significativamente o interesse e as atividades desenvolvidas no ciclo vital tardio, sobretudo, no que tange ao processo de aposentadoria, tendo em vista o afastamento do trabalho e a possibilidade de usufruir do tempo livre para o contato e a interação entre as gerações. Para Carter e McGoldrick (1995), a aposentadoria é um evento estressor no ciclo de vida familiar, isto é, apesar de estar previsto no processo desenvolvimental da família, este período é responsável por desencadear a reorganização do sistema familiar, o qual culmina no desempenho de novos papéis e funções por parte de seus componentes.

Convém ainda retomar a concepção de Friedman (1995), o qual distingue a aposentadoria de outros eventos que também atingem ao sistema familiar, tais como o casamento, a puberdade e os funerais, caracterizando-a como um “ponto nodal” no ciclo de vida familiar. Isso significa que a aposentadoria é um evento de impacto sobre o contexto da família, uma vez que a mesma acarreta intensa transformação da estrutura e do funcionamento familiar, ocasionando que seus membros assumam, por exemplo, funções e tarefas distintas das desempenhadas habitualmente.

Mediante tais apontamentos, entende-se que a aposentadoria, enquanto um evento reconhecido como estressor no sistema familiar, afeta diretamente a dinâmica das relações estabelecidas nesse âmbito e, conseqüentemente, as tramas conversacionais que ali são geradas. Para tanto, este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de compreender as repercussões da intergera-

cionalidade nas experiências de casais aposentados. Julga-se necessário problematizar a discussão desta relação temática, pois a análise dos processos intergeracionais pode auxiliar no reconhecimento dos significados construídos no tempo atual pelos integrantes da família acerca do fenômeno.

## MÉTODO

A execução deste trabalho pautou-se, em termos metodológicos, na abordagem qualitativa de pesquisa, tendo presente que essa perspectiva objetiva compreender a realidade face a um processo interpretativo que reconhece e valoriza a subjetividade. Isto é, seu foco de investigação está centrado no ser humano e no entendimento dos sentimentos e significados que se relacionam ao fenômeno investigado (Olabuénaga, 2009).

Participaram do estudo 06 casais, totalizando 12 pessoas envolvidas. Para a seleção e inclusão dos participantes, foram considerados os seguintes critérios: a) famílias residentes em meio urbano; b) a estrutura da família estava configurada pelos subsistemas conjugal/parental e fraternal/filhos; c) nas famílias, pelo menos um dos cônjuges possuía Ensino Superior Completo e estava aposentado há, pelo menos, um ano. Estes critérios foram definidos com o intuito de conferir maior uniformidade ao contexto socioeconômico dos participantes e estabelecer um parâmetro de tempo que possibilitasse a análise da experiência efetiva de aposentadoria relacionada ao ambiente familiar.

Para acesso e convite aos participantes da pesquisa foi utilizada a técnica Bola de Neve, conforme proposto por Denzin e Lincoln (2000). Dessa forma, o contato com os participantes deste

estudo ocorreu intermediado pelas indicações da rede de relações pessoais do pesquisador e do grupo de pesquisa ao qual pertence.

Acerca dos preceitos éticos, todos os procedimentos relativos ao desenvolvimento deste estudo foram orientados pelas diretrizes e normas de pesquisa com seres humanos, conforme disposto na Resolução 196/1996 (Brasil, 1996). O parecer favorável para execução da pesquisa foi emitido pela Instituição de Ensino na qual os autores estão vinculados, sob o nº 313.979.

Para a coleta de dados foram utilizados dois instrumentos, sendo eles: Entrevista Semiestruturada e Genograma Familiar. Para a aplicação do primeiro instrumento foi desenvolvido um roteiro de entrevista composto por dados sócio-demográficos e de identificação, além de questões norteadoras referentes à experiência de aposentadoria e suas implicações no contexto familiar. Por sua vez, o Genograma Familiar foi utilizado como um recurso para identificar a relação entre histórias das gerações passadas e padrões familiares nos quais se inscrevem as experiências de aposentadoria dos participantes. Cabe esclarecer que, conforme proposto por Andolfi (2003), esse instrumento consiste em uma representação gráfica que se utiliza, basicamente, de símbolos, para retratar aspectos da composição familiar e dos relacionamentos em uma perspectiva intergeracional.

Num primeiro momento foi estabelecido contato via telefone com os casais, a fim de informar sobre os objetivos da pesquisa e verificar sua disponibilidade em participar da mesma. Na medida em que estes aspectos estavam contemplados e os casais atendessem aos critérios delimitados para sua participação, prosseguia-se com o agendamento para a coleta propriamente dita.

Cabe mencionar que a aplicação dos instrumentos foi realizada na residências dos participantes, respeitando-se a individualidade e a privacidade das informações prestadas pelos mesmos. Antes de iniciar as entrevistas, o pesquisador voltava a esclarecer sobre os objetivos da pesquisa e verificava o interesse dos indivíduos em participar do estudo e conceder informações sobre sua trajetória pessoal. A partir disso, era realizado a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

As entrevistas semiestruturadas foram conduzidas individualmente, ou seja, em momentos distintos com cada um dos cônjuges. A construção do Genograma Familiar, por sua vez, aconteceu em um momento posterior às entrevistas, no qual ambos os cônjuges encontravam-se presentes. Os dados coletados foram gravados, mediante a autorização dos participantes, com a finalidade de preservar a exatidão de suas falas, bem como a transcrição fiel das narrativas.

Após a etapa de coleta, os dados foram organizados e analisados qualitativamente por meio do método da *Grounded Theory* (Teoria Fundamentada Empiricamente), desenvolvida por Strauss e Corbin (2008). O processo de análise dos dados envolveu as seguintes etapas: a) interação com os dados por meio de leituras sucessivas do material coletado; b) codificação aberta, na qual os dados foram examinados, desmembrados e, posteriormente, agrupados; c) criação das categorias, as quais foram nomeadas de acordo com os aspectos nucleares evidenciados e a representação dos códigos tal como foram agrupados; d) codificação axial, sendo este o processo de estabelecer subcategorias e elementos de análise a serem abordados em cada uma das categorias; e) fenômeno central, o qual

se refere à triangulação entre os dados coletados e a literatura, sendo possível sustentar a compreensão do fenômeno investigado neste estudo. A escolha por esta perspectiva de organização e análise de dados ocorreu em virtude de que a mesma permite integrar as informações provenientes da aplicação dos dois instrumentos utilizados (Entrevista Semiestruturada e Genograma Familiar), resultando na definição de uma categoria de análise e suas respectivas subcategorias e elementos de discussão.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Visando uma melhor contextualização dos dados que serão discutidos neste artigo, discorre-se a seguir sobre a caracterização dos participantes da pesquisa. Conforme mencionado, foram participantes do estudo 06 casais, totalizando 12 pessoas, sendo 06 do sexo feminino e 06 do sexo masculino. A idade desses indivíduos variou entre 56 e 68 anos, e o nível de Escolaridade variou entre Ensino Técnico e Doutorado.

Em relação às ocupações exercidas pelos participantes, constatou-se que, com exceção de um casal no qual a esposa referiu ser “Do Lar”, em todos os demais, ambos os cônjuges desenvolveram carreiras com atividades externas ao ambiente familiar. A renda mensal do casal variou entre 10 e 40 salários mínimos, sendo a média correspondente a 18 salários mínimos vigentes\*.

Acerca do período em que encontram-se aposentados, este varia entre 1 ano e meio e 15 anos, sendo a média de tempo de 6 anos e 1 mês. Cabe destacar que este dado se refere ao período desde que efetivaram seu desligamento laboral, cessando suas

\* Considera-se que o valor do salário mínimo no ano de 2014, é de R\$ 724,00, conforme dados do Ministério do Trabalho e Emprego, os quais podem ser consultados no seguinte endereço: [http://portal.mte.gov.br/sal\\_min/](http://portal.mte.gov.br/sal_min/)

atividades profissionais. Nesses termos, observou-se que as participantes mulheres estão aposentadas há mais tempo que seus maridos, sendo que duas delas mencionaram não receber nenhum tipo de benefício.

A respeito da constituição familiar destes casais, verificou-se que todos possuem filhos, cujo número variou entre 01 e 02 filhos, com idades entre 24 e 36 anos. Reitera-se que, do total de 06 casais, 02 deles ainda convivem com os filhos na residência da família, os quais dependem dos pais, inclusive, financeiramente. Para Cerveny e Berthoud (1997), este fenômeno é denominado de “pais estendidos”, denotando que, na contemporaneidade, embora os filhos estejam criados, é comum que estes permaneçam carecendo de amparo dos pais, devido à dificuldade de estabelecer sua independência econômica e emocional. Alerta-se que o fator da dependência dos filhos é capaz de influenciar na adaptação à aposentadoria, pois acarreta que o tempo livre do trabalho seja empregado em ações voltadas para atender as demandas dos membros mais jovens da família, conforme foi verificado em estudo realizado por Antunes (2014).

O conjunto de dados obtidos a partir da coleta de dados possibilitou a elaboração da categoria de análise de

análise intitulada “A intergeracionalidade nas experiências de aposentadoria”, com suas respectivas subcategorias e elementos de análise, as quais encontram-se apresentadas no Quadro 01. Cabe ressaltar que essa organização emergiu por meio dos dados levantados e pretende demonstrar a singularidade e a riqueza das vivências em torno do fenômeno de estudo.

Mediante esses aspectos, serão discutidas as experiências de aposentadoria na história das famílias de origem dos cônjuges, bem como os comportamentos e reações que tais situações acarretaram no relacionamento familiar dos participantes. No que diz respeito à subcategoria “Visualizando a aposentadoria na história das famílias de origem dos cônjuges” (1.1), são descritas as situações e experiências que enredam a história familiar neste período do ciclo vital. Assim, foi possível averiguar no relato dos participantes a percepção que seus antepassados possuíam um vínculo estreito e de muita dedicação com as atividades laborais. Viver para trabalhar (1.1.1) foi um aspecto mencionado e que retrata as experiências de membros da família que nunca se aposentaram, conforme ilustrado nos exemplos\*:

Minha mãe e quase todas minhas tias foram rendeiras. Trabalhavam com a

#### QUADRO 01 – SISTEMA DE CATEGORIA, SUBCATEGORIA E ELEMENTOS DE ANÁLISE

A intergeracionalidade nas experiências de aposentadoria	1.1 Visualizando a aposentadoria na história das famílias de origem dos cônjuges	1.1.1 Viver para trabalhar. 1.1.2 Adoecimento após o rompimento do vínculo laboral. 1.1.3 Dificuldades no relacionamento conjugal.
	1.2 Comportamentos e reações	1.2.1 Sentir-se incomodado. 1.2.2 Fazer diferente da família de origem. 1.2.3 Injeção de ânimo. 1.2.4 Dar exemplo aos filhos.

\* As narrativas dos participantes que serão apresentadas neste trabalho foram transcritas de forma literal e sem correções gramaticais.

costura, às vezes faziam pra casa, pros filhos, sabes? Viveram pra trabalhar mesmo. Primeiro cuidando dos filhos, da casa e, depois, quando podiam parar, continuaram trabalhando sempre. Sempre inventavam algo (Esposa, casal A, 62 anos).

Se eu tiver que te falar do meu pai aposentado, eu não sei falar. Eles não se aposentavam naquela época. Ele nunca parou, nunca parou. Ele tinha o valor que recebia da Previdência, mas nunca parou (Marido, casal E, 58 anos).

Essas narrativas apresentam histórias de envolvimento laboral que não foram interrompidas, mesmo havendo a possibilidade de se desvincular do trabalho. Nesse sentido, é importante destacar que alguns participantes relataram que nem todos os seus familiares obtiveram o recebimento de benefício previdenciário, sendo que esta situação reforçou a continuidade no desempenho de suas ocupações, de modo a garantir os meios necessários para a subsistência.

Cabe observar que, embora estes participantes da pesquisa estejam aposentados, eles não reconhecem em suas famílias de origem modelos de aposentadoria que estejam associados ao término das obrigações laborais. Problematizando esta questão, é possível inferir que a vivência da aposentadoria, enquanto rompimento do vínculo laboral e passagem para um momento no qual o indivíduo pode usufruir do tempo livre, configura-se como um desafio e uma aprendizagem para estes indivíduos, uma vez que estes podem escrever novos rumos para a sua história individual e, conseqüentemente, familiar.

Outro aspecto apontado se refere a situações em que ocorreu o adoeci-

mento após o rompimento do vínculo laboral (1.1.2).

Você veja o caso do meu sogro, o cara era administrador e advogado. Agora que tá aposentado, tá parado, sem objetivos, não quer fazer nada. Só fala em remédios, dor aqui, dor ali (Marido, casal E, 58 anos).

Neste relato, é possível verificar as dificuldades vivenciadas pelos componentes da família extensa ao efetivarem seu desligamento laboral, sendo que o adoecimento expressa o modo como foram sentidas as repercussões desse processo. Nota-se, inclusive, que este participante faz uma diferenciação da postura e dos comportamentos do sogro, antes e após a aposentadoria. Este aspecto corrobora os achados do estudo desenvolvido por Félix e Catão (2013), no qual foi identificado que a aposentadoria pode assumir significados de exclusão e ocasionar padecimento em função de diferentes fatores, dentre os quais estão as dificuldades que o indivíduo apresenta em encerrar a sua trajetória profissional, o descaso da organização de trabalho e a ausência de apoio familiar nesse período da vida.

Meu tio trabalhou a vida inteira no SESI em São Paulo e quando ele se aposentou foi um horror. Ele não tinha um hobby, não tinha outros amigos que se não os do trabalho e nem outros assuntos. Foi um horror. Meu tio ficou uns 50 anos trabalhando no SESI (risos) e saiu meio empurrado, sabe? Dai ele teve todas as doenças que a gente puder imaginar. Mais tarde teve um Alzheimer, que possivelmente tenha também relação ai com a aposentadoria. Na minha família a gente sempre comenta que ele ficou perdido depois que se aposentou (Esposa, casal B, 68 anos).

Em relação a este caso, destaca-se que o tio da participante é referido em conversas da família como um modelo de profissional que não conseguiu vivenciar a aposentadoria de maneira satisfatória, tendo em vista a sua história de envolvimento com o trabalho. Por meio do relato, é possível observar que as redes sociais significativas deste indivíduo estavam associadas ao contexto laboral, as quais o confirmavam como alguém produtivo enquanto permaneceu desempenhando suas atividades profissionais, sendo que, após desligar-se do trabalho as mesmas sofrem uma ruptura. Os efeitos do desligamento laboral e o rompimento das redes de trabalho configuradas, também são mencionados por Nahum-Shani & Bamberger (2011), segundo os quais, os indivíduos habituados a preencher seu tempo de vida com afazeres laborais podem apresentar maior dificuldade em administrar o tempo livre na aposentadoria, bem como de aceitar novos estilos de vida e de interação nesse período.

Nas narrativas analisadas também foram descritas dificuldades no relacionamento conjugal (1.1.3) as quais decorrem do rompimento do vínculo laboral.

Minha mãe tá com Alzheimer e meu pai nega isso, tanto é que ele tem 90 anos e se aposentou há um ano e está pior do que ela. Ele só parou de trabalhar aos 89 anos e o declínio foi brutal. E isso deixou mais tensa as coisas lá na casa deles. Meu pai não sabe ficar em casa. Ele nasceu trabalhando e sempre fez isso durante 89 anos. Ele nunca teve parada. Curtir a vida pra ele é um mistério. Ele acha que a vida, depois da aposentadoria, ficou sem emoção (risos). Não tá fácil pra eles manejarem essa relação deles. A gente ajuda ou, pelo menos, tenta. Porque tem horas que vê que a

coisa não fica fácil. Mas eles são o dono da bola, não posso fazer muito (Esposa, casal F, 59 anos).

Meu pai quer minha mãe sempre perto. Recentemente ela teve depressão e eu acho que tem a ver com a aposentadoria dele, porquê depois que ele se aposentou ele queria que ela acompanhasse ele em tudo que vai fazer na chácara. Ela é ativa, sabe? Às vezes, vai até o supermercado e encontra uma amiga e ficam conversando. Quando chega em casa, ele já pergunta porquê demorou (Esposa, casal B, 68 anos).

De acordo com as falas supracitadas, verifica-se a existência de conflitos no casal de pais após a aposentadoria e o adoecimento emerge como expressão da dificuldade dos cônjuges realizarem negociações em suas relações nesse período. Esses resultados coadunam-se com a discussão de Nichols e Schwartz (2007), segundo os quais a adaptação à aposentadoria reflete mais que a perda da profissão, mas um repentino aumento da proximidade para o casal, sendo possível que os parceiros percebam “o ambiente da casa menor” devido à sua maior disponibilidade para estar presente e participar da rotina estabelecida no contexto familiar.

Ademais, é importante analisar que, no segundo relato, o pai da participante interfere no cotidiano da esposa e busca envolvê-la em atividades que parecem estar mais relacionadas à seu interesse particular do que de ambos os cônjuges. Considera-se que esse posicionamento pode tensionar o vínculo conjugal, na medida em que é capaz de impossibilitar o desenvolvimento de projetos individuais, os quais, não necessariamente são comuns ao casal.

Na subcategoria 1.2 “Comportamentos e reações”, são evidenciadas as

repercussões produzidas pelas experiências de aposentadoria das famílias de origem do casal. Nessa linha, sentir-se incomodado (1.2.1) demonstra o posicionamento dos participantes mediante à maneira pela qual os familiares vivenciam este período da vida.

Faz 30 anos que meu pai está aposentado e eu vejo ele sem objetivos na vida. Parece que a vida se resumiu à deixar o tempo andar e isso me incomoda muito (Esposa, casal E, 57 anos).

Na família é difícil dizer de alguém que se deu bem na aposentadoria. Na família do meu pai, quase todos tinham um trabalho, assim, mais braçal. Quase todos ficaram doentes depois que ficaram velhos. É tão ruim pensar nos meus tios da infância e como eles estão hoje em dia (Esposa, casal D, 56 anos).

Segundo estas narrativas, as vivências dos familiares após estarem aposentados são uma situação elencada como negativa e gera um sentimento de incômodo nos participantes. Cabe observar que o adoecimento e a dificuldade em construir projetos de vida para este período, aparecem, novamente, como elementos que compõem as experiências de aposentadoria.

Acerca do segundo caso, é importante destacar que, ao longo da entrevista, a participante referiu diversas dificuldades em adaptar-se à aposentadoria, tendo, inclusive, vivenciado um episódio depressivo após desligar-se do trabalho. Considerando o seu relato, levantou-se a hipótese de que tais decorrências estejam relacionadas, também, à reprodução dos padrões comportamentais da família, pois, de acordo com Boszormenyi-Nagy e Spark (2003), a repetição de modelos se constitui um fator de lealdade que conecta o indivíduo à história da sua

família de origem. Dessa maneira, analisa-se a influência do curso intergeracional nas vivências do tempo presente, sendo este um processo que reforça o pertencimento ao grupo familiar e torna possível o compartilhamento de papéis e funções dentro do mesmo.

Outra evidência pautada nas questões intergeracionais foi a constatação de que os participantes buscam fazer diferente da família de origem (1.2.2) sobre as vivências na aposentadoria.

Ter vindo morar em Florianópolis é, assim, o marco que a gente passou a se considerar realmente aposentado. A vinda pra cá foi em função das questões que aconteceram de assaltos que eu já te contei, mas, também, queríamos construir uma vida diferente nessa fase, pensando no bem-estar e cuidar da gente. Claro que teve uns questionamentos da família: vão pra lá fazer o quê só os dois? Mas a vontade de sair de lá era muito grande e a gente queria fazer novos amigos, viver essa fase diferente. Quer dizer, mudar o foco. Ficar lá em São Paulo, talvez, a gente estaria até hoje levando a vida como todos fazem, aquela coisa de trabalhar e trabalhar (Marido, casal F, 59 anos).

Neste caso, destaca-se que o participante retrata a reação dos familiares à sua definição de residir em outra cidade, os quais questionam esta mudança, cabendo considerar que a mesma diz respeito à uma busca por usufruir da vida na aposentadoria, diferentemente do que foi efetuado pelos outros componentes. Nessa perspectiva, é possível compreender que o processo de individualização envolve certa reatividade emocional por parte da família, pois, na medida em que um membro executa modificações em seu comportamento, são abertas novas perspectivas

para a história familiar e, consequentemente, o funcionamento habitual do sistema precisa ser revisto (Bowen, 1998).

Além disso, foi observado que a aposentadoria se constitui um período em que o indivíduo desenvolve maior autonomia e, a partir disto, é possível investir mais em si, em seus interesses e desejos particulares, conforme o relato abaixo.

Viver tranquilamente é a nossa meta. Às vezes, parece que estamos andando na contramão, porquê enquanto uns da família estão preocupados em trabalhar, eu tô preocupado com o ser. Eu quero investir meu tempo no ser. Meu grande sonho é conhecer Natal, então, ano que vem, se Deus quiser, vamos pegar o avião e vamos pra lá. A minha praia agora é olhar em volta e ver que tudo está bem (Marido, casal A, 60 anos).

Os depoimentos supracitados demonstram que os participantes buscam proceder de maneira diferente das suas famílias de origem, realizando, especialmente, atividades que estejam voltadas para o lazer, o convívio social e a satisfação pessoal. Dessa forma, o rompimento do vínculo laboral significa um avanço em relação às experiências de aposentadoria observadas nas histórias das famílias que foram apresentadas anteriormente. Este aspecto sugere que os participantes conquistaram um nível de autonomia em relação à influência dos padrões relacionais instituídos pela família, indo ao encontro do que foi mencionado por Bowen (1998). Além do mais, evidencia-se que os processos de transmissão intergeracional não são estáticos ou lineares, mas precisam ser relativizados, tendo presente que o indivíduo pode, por meio de diferentes fatores e contextos, modificar as suas

experiências sem perpetuar determinados comportamentos que compõem e influenciam a sua trajetória (Scan-tamburlo, Moré & Crepaldi, 2012).

Por outro lado, a injeção de ânimo (1.2.3) demonstra um posicionamento das esposas em relação à experiência de aposentadoria de seus cônjuges, evidenciando que as vivências do passado podem influenciar no comportamento atual do casal, conforme ilustra o seguinte relato:

Se eu resolvo ficar um dia de pijamas, isso não vai me afetar, porque no dia seguinte eu vou botar uma roupa colorida e vou sair na boa. Mas com ele, eu tô sempre preocupada com isso. Eu acho que é sempre importante ficar de olho e, às vezes, é preciso dar uma injeção de ânimo. Parece que o homem se fecha no casulo quando se aposenta, como aconteceu com o meu pai que não soube fazer outra coisa além de trabalhar. Então, aqui em casa não dou espaço para o “homem de pijama” (risos). Eu trabalho nele (marido) uma relação meio dura pra ele não ficar de “nhê, nhê, nhê”. Não dá pra cair nessa coisa de aposentado que é velho e inativo (Esposa, casal F, 59 anos).

Nesta narrativa, nota-se que a analogia do “homem de pijama” está vinculada à um significado depreciativo da condição de aposentado, isto é, à inatividade. Cabe observar como o posicionamento da esposa reflete este aspecto, pois, ao demonstrar-se atenta às atitudes e reações do marido, é possível verificar a sua preocupação em relação ao modo pelo qual ele irá vivenciar esse período. Assim, a reflexão que se apresenta diz respeito à mudança de status entre trabalhador e aposentado, cabendo considerar que, especialmente para os homens, pode representar a perda do papel de provedor.

Esta questão corrobora a discussão realizada por Rodrigues (2001), segundo o qual, no imaginário social, persiste uma construção que retrata os aposentados como sendo “velhinhos”, sugerindo que recolham-se aos aposentos e “vistam seu pijama”, sendo este um aspecto fortemente veiculado pela mídia. Nesses termos, é importante analisar como a aposentadoria pode assumir diversos significados, dentre os quais está o risco do indivíduo acomodar-se após o rompimento do vínculo laboral. Contudo, ressalta-se que essa concepção pode acarretar dificuldades subjetivas e relacionais na vida do indivíduo, uma vez que é capaz de impedi-lo de vivenciar este período usufruindo, por exemplo, do tempo livre que dispõe.

Eu acho que as mulheres têm várias vantagens em relação ao homens, porque a gente faz trabalhos manuais e conversa, conversa, conversa (risos). Os homens são mais trancados. Lá na Associação que a gente participa mesmo, tem vários casos de adoecimento depois da aposentadoria. Eu tenho medo que isso aconteça com ele (marido), entendeu? Então eu tô sempre precisando incluir ele, convidar pra isso e pra aquilo (Esposa, casal C, 59 anos).

Este relato assinala a presença de questões de gênero, por meio das quais são observadas diferenças no comportamento de homens e mulheres na aposentadoria. Nessa perspectiva, torna-se possível entender que as esposas assumem um papel de cuidadoras de seus maridos nesta etapa do ciclo de vida, o que, possivelmente, é consequência do processo de socialização das mulheres, conforme menciona Ariès (1981).

Todavia, é interessante analisar que o modelo relacional das participantes é

gerado em famílias nas quais as experiências masculinas de aposentadoria eram permeadas pela dificuldade de reinserção e convívio social ou, ainda, adoecimento. Especialmente no primeiro caso, observou-se que o pai da participante efetivou seu desligamento laboral apenas aos 89 anos e, após isso, reagiu com certa acomodação à este evento e emergiram conflitos na relação de casal.

Considerando estes aspectos, é possível inferir que a “injeção de ânimo” e os cuidados com o marido, são posicionamentos das esposas que conectam-se às experiências anteriores vivenciadas em suas famílias de origem, as quais são reeditadas por meio do temor que o marido reproduza os comportamentos dos seus pais. Nessa medida, levantou-se a hipótese que, dependendo das respostas que os maridos oferecerem, é possível que o tensionamento dos vínculos seja maior e ocasione conflitos no casal. Constatou-se, portanto, que a compreensão das interações na família em uma perspectiva intergeracional permite uma visão ampla e integrada da organização familiar no ciclo de vida tardio, considerando como os vínculos e o funcionamento dos componentes podem estar correlacionados à história de suas famílias de origem, conforme mencionam Couto *et al.* (2008).

Assim sendo, nota-se que a intergeracionalidade tem um impacto decisivo na constituição da dinâmica atual da família, influenciando diretamente na maneira como os relacionamentos são estabelecidos no momento da aposentadoria. Para tanto, reitera-se o que foi apontado por Bowen (1998), em torno da necessidade de diferenciação de histórias, para que o indivíduo não permaneça aprisionado e respondendo à uma realidade do passado em suas vivências atuais. Este elemento

chama a atenção, também, para o fato de que, na aposentadoria, há uma re-descoberta do relacionamento conjugal, cujo vínculo precisa ser reavaliado e reconfigurado pelos parceiros para adequar-se aos anseios e demandas que ambos apresentam (Soares, Costa, Rosa, & Oliveira, 2007).

Por fim, outro aspecto abordado diz respeito a dar exemplo aos filhos (1.2.4), conforme exemplificado nos relatos a seguir:

A gente sempre se preocupou que os filhos tivessem uma visão positiva do trabalho, então sempre incentivou para trabalhar. [...] Eu nunca fui de enrolar, de dar atestado, essas coisa. E eles também não são e isso eu agradeço à Deus, porque eles aprenderam com a gente. A gente aprendeu com os pais e fala pra eles. Pra um dia, quando chegar mais velho, não ficar com aquela sensação de quem não foi bom, não foi honesto. Se tu se aposenta, dependendo do comportamento no serviço, as pessoas ficam até contente que saísse (Esposa, casal A, 62 anos).

Eu acho que a aposentadoria vem no momento ideal. Meus filhos eram jovens, mas adultos, quando me aposentei. Eu digo isso porque eu vejo o caso do meu cunhado, que cresceu com o pai em casa, num ritmo diferente do que a minha mulher viu. Isso tem um lado bom que é o pai ajudar. Mas tem o lado de “pô, meu pai não trabalha?”. [...] Então eu acho que é nosso compromisso como pais dar o exemplo do trabalho pros filhos (Marido, casal C, 63 anos).

Estes relatos evidenciam que os pais estão atentos aos valores que são repassados aos filhos, por meio de suas atitudes no contexto laboral. No primeiro caso, observa-se que a participante refere ter aprendido com seus

pais o que está transmitindo aos filhos e, nessa medida, é importante analisar que o casal é o ponto de encontro no qual se situa o que foi recebido pelas gerações precedentes e o que será comunicado e ensinado para as novas gerações, conforme mencionou Andolfi (2003).

Na mesma linha, no segundo caso, o participante avalia como sendo positiva a efetivação da sua aposentadoria em um momento no qual os filhos já encontravam-se adultos e autônomos. Verifica-se que essa percepção resulta da experiência do cunhado, o qual, diferentemente da irmã, cresceu tendo seu pai em casa e usufruindo de uma rotina que lhe conferia maior liberdade devido estar aposentado. Desse modo, questiona-se em que medida esta crença sofre a influência da história vivenciada na família de origem da esposa, repercutindo no padrão comportamental do presente.

Esse posicionamento desencadeou a reflexão em torno da questão do tempo livre na aposentadoria, sendo este, por vezes, entendido como sinônimo de inatividade, desconsiderando as vivências subjetivas e prazerosas que podem ser realizadas em outros âmbitos além do trabalho. Segundo Soares e Sarriera (2013):

Quanto mais central e exclusivo é o trabalho na vida das pessoas, mais difícil será enfrentar o tempo livre. Já as pessoas que realizam outras atividades durante a sua vida, assumiram compromissos com outros grupos sociais diferentes do trabalho, encontram maior apoio e oportunidade de vinculação ao saírem do mundo do trabalho (p.113).

Assim, reitera-se que esse período da vida possibilita a diminuição de obrigações do aposentado e, conseqüentemente, favorece espaço para

que este possa usufruir do tempo livre e conviver diretamente com a sua família, possibilitando a interação e a troca de experiências com as gerações mais novas, conforme observado na pesquisa desenvolvida por Azevedo e Carvalho (2006). Nesse sentido, a problematização sobre o tempo livre é um grande desafio que subsidiará a resignificação do processo de intergeracionalidade familiar, principalmente, à luz do entendimento da concepção do binômio trabalho/aposentadoria na contemporaneidade.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Finalizando este trabalho, o qual apresentou as experiências de aposentadoria na história das famílias de origem dos cônjuges e suas repercussões no relacionamento do casal, considera-se que a intergeracionalidade está presente e influencia de diferentes maneiras a vivência do desligamento laboral dos participantes. Esta situação torna-se evidente por meio dos posicionamentos que refletem tanto ações como reações aos modelos visualizados nas gerações passadas.

Verificou-se que nas famílias de origem dos participantes as experiências de aposentadoria estavam interligadas à continuidade da execução de atividades laborais ou, quando ocorreu o cessamento destas, emergiram dificuldades e adoecimento dos indivíduos e conflitos no relacionamento conjugal. Desse modo, reitera-se a necessidade de uma análise contextualizada do fenômeno, pois é possível observar que as repercussões vão além do âmbito individual e envolvem diretamente a família.

Constatou-se, também, que alguns participantes avaliam de maneira negativa as vivências de seus familiares

neste período da vida, e, dessa maneira, sentem-se incomodados e buscam proceder de maneira diferente. Tal aspecto leva em conta o interesse desses indivíduos em usufruir o tempo livre do trabalho e realizar atividades que estejam relacionadas à satisfação pessoal.

No entanto, cabe notar que alguns participantes reproduzem em suas histórias atuais a realidade vivenciada na família de origem. O posicionamento de atenção e cuidado com os maridos refletem diretamente a experiência das esposas com seus pais, configurando-se uma transmissão intergeracional dos padrões comportamentais e relacionais. Essa averiguação corrobora a influência das situações que compuseram a história da família sobre a organização e funcionamento atual dos casais, demonstrando que os vínculos familiares são sustentados por meio da lealdade aos modelos primários do desenvolvimento do indivíduo.

Ressalta-se, ainda, que estes resultados provocaram a reflexão em torno das diferenças de gênero que são estabelecidas culturalmente e atribuem diferentes papéis a serem cumpridos pelas pessoas nas suas respectivas famílias. Ficou evidente que tais questões podem ocasionar desdobramentos no comportamento de homens e mulheres na aposentadoria, e, conseqüentemente, em seus vínculos familiares. Considera-se, portanto, que a perspectiva sexista é capaz de gerar acordos que não são explícitos no casal, os quais determinam expectativas e padrões relacionais, bem como as particularidades do funcionamento familiar.

A partir dos resultados apresentados neste artigo, percebe-se que a intergeracionalidade influencia diretamente na tomada de decisão, bem como nos comportamentos e reações que suce-

dem a efetivação do desligamento do trabalho. Cabe retomar que, conforme demonstraram Carter e McGoldrick (1995), a aposentadoria se constitui um estressor horizontal no processo desenvolvimental da família; ou seja, sua iminência acarreta mudanças que, embora previsíveis, afetam significativamente os processos vivenciados nesta etapa do ciclo de vida familiar. Entretanto, os resultados deste estudo permitem identificar que a aposentadoria é, também, um evento estressor vertical, na medida em que as experiências vivenciadas pelos antepassados podem estabelecer mitos e mandatos familiares, os quais repercutem na dinâmica relacional da família ao longo de diferentes gerações, sendo possível que ocorra um aumento de estresse e ansiedade no período de transição e/ou de adaptação ao novo momento.

Por fim, é possível analisar que a discussão da interface entre aposentadoria e família integra aspectos diversificados que, por sua vez, exigem uma apreensão abrangente da realidade sob a qual este tema de estudo se constitui. Enfatiza-se, portanto, a importância de considerar a intergeracionalidade como recurso problematizador dos processos de aposentadoria, uma vez que as vivências no desligamento laboral podem estar interligadas à diferentes fatores que se configuram precipitadores e/ou interferem na adaptação às transformações que decorrem a este período, refletindo a história e o contexto familiar no qual o indivíduo encontra-se inserido. Nessa perspectiva, entende-se necessário desenvolver um pensamento que possibilite o reconhecimento dos múltiplos elementos envolvidos nessas tramas relacionais, sendo que considerar apenas a dimensão individual pode ser uma restrição que não contemple uma série de questões familiares e culturais, os quais in-

fluenciam diretamente na experiência de aposentar-se.

## REFERÊNCIAS

- Andolfi, M.** (1980). *A terapia familiar*. Lisboa: Vega.
- Andolfi, M.** (2003). *Manual de psicología relacional: la dimension familiar*. Colombia: La Sillueta Ediciones Ltda.
- Antunes, M. H.** (2014). *Entre "o mito do pijama" e "o projeto de ser feliz": as repercussões da aposentadoria na dinâmica relacional familiar na perspectiva do casal*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Antunes, M. H., Soares, D. H. P. & Silva, N.** (2013). Aposentadoria e Contexto Familiar: um estudo sobre as orientações teóricas da produção científica. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, 3, 45-56.
- Ariès, P.** (1981). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC.
- Azevedo, R. P. C. & Carvalho, A. M. A.** (2006). O lugar da família na rede social do lazer após a aposentadoria. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*, 16(3), 76-82.
- Boszormenyi-Nagy, I. & Spark, G. M.** (2003). *Lealtades invisibles reciprocidad en terapia familiar intergeneracional*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Bowen, M.** (1998). *De la familia al individuo: la diferenciación del si mismo en el sistema familiar*. Buenos Aires: Paidós.
- Brasil - Conselho Nacional de Saúde.** (1996). *Resolução No. 196 de 10 de Outubro de 1996*. Recuperado em 24 maio, 2013, de <http://www.conselho.saude.gov.br/resolucoes/1996/reso196.doc>.

- Carter, B. & McGoldrick, M.** (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para terapia familiar* (2nd ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cerveny, C. M. O.** (2001). *A família como modelo: desconstruindo a patologia*. São Paulo: Livro Pleno.
- Cerveny, C. M. O. & Berthoud, C. M. E.** (1997). *Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cerveny, C. M. O. & Berthoud, C. M. E.** (2002). *Visitando a família ao longo do ciclo vital*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Couto, M. C. P. P., Prati, L. E., Falcão, D. V. S. & Koller, S. H.** (2008). Terapia Familiar Sistêmica e idosos: contribuições e desafios. *Revista de Psicologia Clínica*, 20(1), 135-162.
- Denton, F. T. & Spencer, B. G.** (2009). What is retirement? A review and assessment of alternative concepts and measures. *Canadian Journal on Aging*, 28(1), 63-76.
- Denzin, N. K. & Lincoln, Y. S.** (2000). *Handbook of qualitative research* (2nd ed.) Thousand Oaks: Sage.
- Falcke, D. & Wagner, A.** (2005). A dinâmica familiar e o fenômeno de transgeracionalidade: definição de conceitos. In A. Wagner. (Ed.) *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 25-46). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Felix, Y. T. M. & Catão, M. F.** (2013). Envelhecimento e aposentadoria por policiais rodoviários. *Psicologia & Sociedade*, 25(2), 420-429.
- França, L. H. F. P.** (1999). Preparação para a aposentadoria: Desafios a enfrentar. In R. P. Veras (Ed.). *Terceira idade: Alternativas para uma sociedade em transição* (pp. 11-34). Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- França, L. H. F. P.** (2002). *Repensando a aposentadoria com qualidade: um manual para facilitadores de programas de educação para aposentadoria em comunidades*. Rio de Janeiro: CRDE UNATI UERJ.
- França, L. H. F. P.** (2009). Influências sociais nas atitudes dos 'Top' executivos em face da aposentadoria: um estudo transcultural. *Revista de Administração Contemporânea*, 13(1), 17-35.
- França, L. H. F. P. & Soares, D. H. P.** (2009). Preparação para a aposentadoria como parte da educação ao longo da vida. *Psicologia: ciência e profissão*, 29(4), 738-751.
- Friedman, E. H.** (1995). Sistemas e cerimônias: uma visão familiar dos ritos de passagem. In B. Carter & M. McGoldrick. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para terapia familiar* (pp. 106-130). (2nd ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Groisman, M., Lobo, M. V. & Cavour, R. M. A.** (2003). *Histórias dramáticas: terapia breve para famílias e terapeutas* (2nd ed.). Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística** (2011). *Censo Demográfico 2010: resultados preliminares da amostra*. Recuperado em 10 maio, 2012, de [ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Resultados\\_Preliminares\\_Amostra/tabelas\\_de\\_resultados.zip](ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Resultados_Preliminares_Amostra/tabelas_de_resultados.zip)
- Minuchin, S.** (1982). *Famílias: funcionamento & tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, P., Colapinto, J. & Minuchin, S.** (2011). *O desafio de trabalhar com Famílias de Alto Risco Social: uma abordagem sistêmica*. São Paulo: Roca.
- Nahum-Shani, I. & Bamberger, P. A.** (2011). Work hours, retirement, and supportive relations among older adults. *Journal of Organizational Behavior*, 32, 345-369.

- Nichols, M. & Schwartz, R.** (2007). *Terapia Familiar: conceitos e métodos*. Porto Alegre: Artmed.
- Olabuénaga, J. I. R.** (2009). *Metodología de la Investigación Cualitativa* (4th ed.). Bilbao: Universidad de Deusto.
- Rodrigues, C. L.** (2001). Homem de pijama: o imaginário masculino em relação à aposentadoria. *Revista Kairós*, 4(2), 69-82.
- Scantamburlo, N. P., Moré, C. L. O. O. & Crepaldi, M. A.** (2012). O processo de transmissão intergeracional e a violência no casal. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 44, 21-34.
- Schein, E. H.** (1993). *Carrer Anchors: Discovering Your Real Values*. São Diego, CA: Pfeiffer & Company.
- Soares, D. H. P., Costa, A. B., Rosa, A. M. & Oliveira, M. L.** (2007). Programa de Preparação para Aposentadoria Aposent-Ação. *Revista Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 12, 143- 161.
- Soares, D. H. P. & Sarriera, J. C.** (2013). O tempo livre na aposentadoria. In S. A. Carlos, & S. S. Santos (Eds.). *Envelhecendo com apetite de Viver: interlocuções psicossociais* (pp. 109-128). Petrópolis: Vozes.
- Strauss, A. & Corbin, K.** (2008). *Pesquisa Qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. Porto Alegre: Artmed.
- Wagner, A.** (2002). Possibilidades e potencialidades da família: A construção de novos arranjos a partir do recasamento. In A. Wagner (Ed.). *Família em cena: tramas, dramas e transformações* (pp. 23-38). Petrópolis: Vozes.
- Zanelli, J. C., Silva, N. & Soares, D. H. P.** (2010). *Orientação para aposentadoria nas organizações de trabalho: construção de projetos para o pós-carreira*. Porto Alegre: Artmed.